

Há muito que deixei de ser quem sou,
para ser quem eu não queria ser:
aquela que o destino maltratou!
aquela que pagou sem merecer!

Tenho asas de poeta para um vôo
e nada tenho ao mundo pra dizer.
Sou a cantiga que ninguém cantou;
poema que ficou por escrever...

Eu sou assim, igual a toda a gente.
Igual e ao mesmo tempo diferente,
na maneira de ser... e amar também...

Percorro o meu caminho, a minha estrada,
para chegar ao fim e não ser nada...
só aos olhos de Deus eu ser alguém!

Emília Penhalba Esteves, Ser, de
Palavras de Amor, 2ª Edição, 1995

Um delírio... me voltei,
na janela o passarinho,
que um dia alimentei,
volta cheio de carinho...

Ailson Cardoso de Oliveira

Tesouro da natureza;
seus olhos meigos risonhos,
são a mais bela riqueza,
que garimpei de meu sonhos.

Ailson Cardoso de Oliveira

Espantava as
pombas e
ria
era criança e queria
descer a escada rolante
de uma estação do
metrô
ágil
corria
no seu quintal de asfalto
rindo apontando mostrando
respirando a
qualidade do ar: péssima.

Eumice Arruda, O Gabriel, de
À Beira, 1999

Sobre el tronco del árbol
apoyo mis espaldas
y paso un largo rato
al sueño abandonada.
Y quando me separo
por fin, mis manos palpan
el tronco donde estuve
largo tiempo apoyada.
Se há puesto el tronco tibio
al calor de mi espalda...

Alfonsina Storni (1892/1938),
Mi Calor: de Poesias Completas,
Sela/Editorial Galema, 1990

Que sejam eternizados,
os mares, rios, cachoeiras...
com seu peixes presservados
e todas matas inteiras!!!

Amália Marie Gerda Bornheim

Quem anda pelas lágrimas perdido,
sonâmbulo dos trágicos flagelos,
é quem deixou para sempre esquecido
o mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

é quem ficou do mundo redimido,
expurgado dos vícios mais singelos
e disse a tudo o adeus indefinido
e desprende-se dos carnisais anelos!

é quem entrou por todas as batalhas
as mãos e os pés e o flanco ensangüentan-
do,
amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
e entre raios, pedradas e metralhas,
ficou gemendo, mas ficou sonhando!

João da Cruz e Sousa (1861-1898), Triunfo Supremo; em
CaravelaLetras 9808

Da Faisqueira à Vendinha,
do Cervo ao Sapucaí...
Pouso Alegre, não és minha,
sou eu que pertenço a ti!!!

Newton Meyer Azevedo, em Trovaregre 0008

Pop cocaína
fácil. Fácil na mão de menina
quase sempre nordestina
que se vende em cada esquina,
que a má sorte predestina
e a cidade é que ilumina
sua latrina, sua torta sina.
Jorginho, Marília, Carina,
Pedro, Rui, Moacir, Cristina...

o que sobrou bicho come,
o que se vê não tem nome
e se é obra de Deus
ninguém assina...

Drops, cães, pureza, tubaina,
balas, doces, tiros e sangue-piscina;
panfletos, manchetes, chacina,
medo, endurecimento e não, não-vacina.

É crime, é droga, é aborto
e a nova ordem determina
que o que for sonho se assassina.

Lúcia, Mauro, Josefina,
Pedro, Nando, André, Marina...

já não se chama mais fome,
o que se vê não tem nome
e se é obra de Deus
ninguém assina.

Jorginho, Marília, Carina,
Pedro, Rui, Moacir, Cristina...

já não se chama mais fome,
o que se vê não tem nome
e se é obra de Deus
ninguém assina.

Fernando Chui, Tubaina

Pra semana, vou pro Pantanal.
Se jacaré engolir minha poesia
comigo e tudo, não haverá postal.
Olga Amorim, Recado; de Olho d'Água, 1999

Desta viagem, amigão...
traga-me uma boa jaca;
na outra, se possível,
um cacho de pitomba;
se fores em dezembro,
um livrinho de sacanagem (cordel)
tipo João Grilo e um *rói-rói*
para eles não pensarem que
eu não mando notícias é
porque eu já estou morto;
você sabe como são os amigos.

Ivan de Paulo Jacintho, Boa Viagem; em
Letras Santiaguenses 0008

Poesia presa,
pesada,
profunda...

Opaco silêncio,
translúcido corpo,
espesso passado,
plúmbeos olhos,
flácidas faces,
caído corpo,
pálido sorriso,
amortecida voz...

Só o silêncio fala
na imensidão.

Maria do Socorro Xavier,
Grilhões; em Caravela 9812

Perdão, mas, foi feito
o que o mais puro gosto
aquele roçar molhado, maroto
no canto com canto
da boca
com meus lábios tateando teus
lábios
fingindo beijar
teu rosto.

Mário Marinho, Beijos; em Meriti Fazendo
Arte, Realização ALAM – Academia
de Letras e Artes Meritense, em 000722

Repousar? Não cogito. Tenho brio
em confeitar com rimas meu cansaço.
Acendo tantas luzes no que faço
que até pareço um fósforo bravo.

Se galopo na insônia?... Sim. E laço,
sendo de amor, o tema mais sadio
(nunca destes que exaltem muito o cio).
Vulgaridade em mim não tem espaço.

E tudo às claras, que sou fã da aurora,
sou fã do riso e da canção sonora...
Velhice!? Qual?!! Não ouço o seu recado.

Sinto que a vida é cada vez mais bela!
E a morte?... Amigos, nem me falem dela!
Morrer não posso. Estou muito ocupado.

Miguel Russowsky, Soneto aos 77 Anos; em
Fanal 0009

Aonde estarás agora?
Será que andas perdido?
à procura do caminho de volta?
Será que daqui a pouco tu sentirás
a nossa falta?

Sei que entendes...
Tu conseguias me alegrar
nas horas tristes, te achegavas
com um jeito que era só teu.
Tu tinhas a sutileza e a leveza.

Vê se voltas
em forma de estrela
para que eu possa
ficar a admirar o céu
e conversar contigo
meu amigo, meu cão.

Aldair Fiorenza Couto, Amigo; em
Letras Santiaguenses 0008

Não me perguntem porque
os homens procuram a felicidade
por caminhos tortuosos...
se é tão mais fácil o amor
do que o ódio.
Se é tão mais fácil sorrir
do que chorar.
Se é tão mais fácil crer
do que negar.
E, se o caminho mais curto para Deus
é a bondade;
eis a pergunta que se faz,
e se a sorte não me erra,
por que os caminhos da paz
passam sempre pela guerra?

Mário Marinho, Descaminhos; em Meriti Fazendo
Arte, Realização ALAM – Academia
de Letras e Artes Meritense, em 000722

Primeiro, mediu meus caminhos.

Depois, pesou meu espinhos.
O desembargo: flores e frutos
deixou a meu cargo.

Olga Amorim, Grandeza de Deus, de Olho d'Água 1999
(Rua Cincinato Braga 535, Apto.63
CEP 01333-011 – São Paulo, SP)

Quando a vaidade e a ganância
determinam atitudes,
o dinheiro e a intolerância
se instalam como virtudes.
Miguel Russowsky, em Estro 60

A grandeza se avalia
em toda a sua extensão,
na ponte que é travessia
entre pecado e perdão.

Leda Costa Lima, em Trovaregre 0009

Volto a casa que "era minha"
risco a calçada e, feliz,
vou pular amarelinha
mas o pranto apaga o giz!
Therézinha Dieguez Brisolla, em
BI UBT Magé 9908

De passagem pela areia,
o mar não tem pressa alguma:
se espraia... rola... passeia...
tece uma renda de espuma.
Djalda Winter Santos, em Trovaregre 0009

– Me horroriza o fim do mundo,
diz ao amigo o Garcês.
– Pois eu já não vou tão fundo...
me horroriza o fim do mês!...
Dorothy Jansson Moretti, em Fanal 0009

Todo gordo é muito terno,
e tem a compensação:
aquece a mulher no inverno
e dá sombra no verão...

Mário Marinho, em Meriti Fazendo
Arte/Realização ALAM 000722

Pródigo em terra –
(desde quando usava calças curtas de tirante)
doação de si mesmo
em léguas e léguas de bondade.

Ruminação de vidas
espumavam-lhe o sorriso bom.

Seu nome sibilava nas canchadas
como um silvo – (como um quê?!...)

quando a picana do vento
cutucava
o lombo da tarde.

Toda a cidadezinha
se inchava de orgulho...

E dali da fazenda,
em dia que já vai longe,
sua alma

– emendando latifúndios –
foi seostar por um tempão
em semmarias de céu.

Oracy Dornelles, Evocação; em
Letras Santiaguenses 0008

Discussão me dá fadiga,
desavença me sufoca;
forte é quem evita briga,
e fraco é quem a provoca.

João Batista Serra

Foi tanta gente querida
residir na eternidade,
que a rua de minha vida
é asfaltada de saudade.

Adolfo Macedo, em BI UBT Magé 9908

Anjo existe? Eu aconselho
a crer nessa maravilha.
Um deles mora no espelho
do quarto de minha filha.

Orlando Brito

“– Que borboleta bonita!”
exclama o velho poeta,
ao ver um laço de fita
na cabecinha da neta.

Orlando Brito

A N U V E M Q U E C H O V I A C O N T O S

Diorindo Lopes Júnior, em El Quijote en Acción 9812

Hoje ela está atrasada, mas eu sei que vem. Branca sempre vem, mesmo quando aquelas nuvens negras chovem muita água e mamãe não deixa brincar com ela no pátio, debaixo da goiabeira.

Branca nunca vem só, sempre traz um amigo que se torna meu amigo também. Na última vez, ela trouxe o Peter Pan e ele me contou que jamais vai crescer porque quer ser menino para sempre. A Wendy, a menina que ele mais gostava, cresceu e nunca mais vouu com ele até a Terra do Nunca, onde vivem o Capitão Gancho e os Meninos Perdidos. Eu tampouco quero crescer, porque, se cresço, Branca jamais voltará a me ver.

Um dia, ela me conduziu ao Sítio do Pica-pau Amarelo e eu brinquei muito com Narizinho, cacei com Pedrinho, conheci as memórias de Emília, escutei as histórias de dona Benta, devorei os deliciosos pratos de tia Anastácia. Até um poço de petróleo eu perfurei com o Visconde – um boneco de sabugo de milho muito nobre, fidalgo e inteligente. E além disso ajudei ao forçado Hércules a fazer doze trabalhos, que me deram muito trabalho.

Uma vez, Branca me levou ao fundo do oceano e percorremos vinte mil léguas submarinas, mas não me afoguei. Outra, eu estive no ventre de uma baleia com Pinoquio, um boneco de madeira que mentia tanto que seu nariz não parava de crescer. Depois, fui conhecer a lua e as estrelas e sem precisar de um foguete.

Eu sempre viajo no espaço e também no tempo do depois e do antes.

Branca conhece uns bichos do tempo de quando os bichos falavam, e também fadas, bruxas, gnomos e duendes; o Saci e a mula sem cabeça, o colossal Gulliver (aquele titã amarrado pelos anõesinhos), e o Lobo Feroz – que é muito bom e não devora porquinhos nem Chapeuzinho de cor nenhuma.

A Bela Adormecida despertou com um beijo meu, e também Branca de Neve, que mordeu a maçã envenenada pela madrastra má. Joãozinho e Maria escaparam do caldeirão da bruxa que vivia na casa de chocolate porque eu lhes dei um ossinho pra enganar a velha e esconder seus dedinhos que já estavam gordinhos.

O menino Artur se fez rei de Inglaterra depois que arranquei a espada da pedra, e Robin Hood só se casou com Mary Anne quando eu expulsei o malvado aguazil da floresta de Sherwood. Ensinei ao Ali Babá a palavra mágica que abria a gruta dos quarenta ladrões e estive com Robinson Crusoe na ilha deserta.

Conheci o Velho Oeste; viajei em diligências, encontrei ouro, matei e prendi salteadores; lutei com Touro Sentado, salvei centenas de vidas (só o Zorro umas dez vezes), bati-me em duelo com pistoleiros afamados sem jamais ficar ferido. Criei búfalos; domei os cavalos mais bravos; quebrei caras, narizes, mesas e cadeiras em lutas de salão; e me enamorei de todas as moças formosas das matinês de domingo.

Branca esteve comigo em todos esses lugares, todo o tempo. Branca é minha avozinha, que no outro dia Deus a levou para viver com Ele, mas transforma-se em nuvem branquinha, branquinha, como branquinho era seu cabelo, e sempre vem me contar um conto.

QUIDAIIS DE PRIMAVERA



Table with 3 columns and 10 rows of haikus and authors. Includes authors like Alda Corrêa M. Moreira, Haroldo R. Castro, Leda Mendes Jorge, etc.



SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.10.00, quigos à escola:

Brisa, Broto de Rosira, Semana da Pátria.

Remeter até 30.11.00, quigos à escola: Pintassilgo, Semana da Asa, Sibipiruna.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, ou seja, um tema da estação, por ser seu assunto principal o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

- 1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despaçá-lhe normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos num folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do seguinte.

HAICUS EM FOLHA



Table with 3 columns and 10 rows of haikus and authors. Includes authors like Maria Reginato Labruciano, Alison Cardoso de Oliveira, Maria Reginato Labruciano, etc.

CLASSIFICANDO OS TERCELOS INDEPENDENTES

Table with 4 columns and 1 row explaining the classification of independent tercets. Includes terms like Trevo senriu à ocidental, Trevo senriu ou trevo personagem, Trevo haicu de sação vaga, Trevo haicu.

O MILAGRE DOS FILHOS

Fernando Vasconcelos

Passava um pouco das duas horas, quando o choro aflito de Huguinho acordou Renata. Alfredo, estropiado pelas lutas, dormia como uma pedra. Nem mesmo o choro estridente da criança conseguiu acordá-lo.

Renata levantou-se apressada, tomou nos braços seu filhinho, que parou de chorar, como se alguém houvesse abafado, de súbito, o seu choro.

As criancinhas fazem muito disso. Desatam um baita berreiro, como se alguma coisa terrível tivesse acontecido, apenas para conquistar o colo. Era o que ele queria, sem se importar com o quão imprópria era a hora.

A mãe não se impacientou. Carregando o filho, cantarolava baixinho, num ritmo suave, fazia-o dançar confortavelmente, com delicados movimentos dos braços. Ele não tinha fome, não tinha sede, nem sentia qualquer dor. Huguinho queria apenas aquela situação.

Olhando com orgulho o filho que, à branda luz de pequena lâmpada, parecia-lhe ainda mais robusto e bonito, alternava as atenções do olhar, também, em direção ao marido tomado de profundo sono, como a compará-los.

Enquanto excursionava, assim, com o olhar, foi, aos poucos, voltando ao passado, embalada em recordações.

Seu filho e seu marido. Conheceria Alfredo, por acaso, numa festinha de estudantes. Teve início um namoro que terminou no altar. Quando se casaram, embora o grande amor que os unia colorisse festivamente as menores coisas, enfrentaram muitas dificuldades. Alfredo ganhava pouco e o custo de vida tornava-se cada vez mais alto.

Depois de alguns meses, a situação era aflitiva. Alfredo, embora trabalhador, entregava-se cada vez mais ao desespero. Era bom, carinhoso, mas não conseguia vencer o desânimo. Mesmo todo amor que os unia, todos seus sonhos, tudo era impotente para reanimá-lo daquela horrível apatia. Renata chorou muito, naquele tempo, procurando ocultar de todas as formas a sua tristeza, para não prejudicar ainda mais o ânimo do marido.

Estiveram à beira da fome, quando Alfredo perdeu emprego e ficou em casa, sem qualquer iniciativa, pensativo, sem pensar em coisa alguma. Perdeu completamente a ação.

Renata foi forte, não perdeu a esperança. Certo dia, tendo sentido-se mal, foi a um médico amigo de sua família que, também, vinha tratando de Alfredo, para uma consulta.

Exultava, quando voltou para casa. Ao entrar, radiante, deparou com o marido, de costas para a entrada, absorto no nada.

Sofreu um impacto. Havia, na imensa alegria, se esquecido da dolorosa situação a que chegara a sua vida.

Refeita, num desses impulsos que parecem inspirados pelo céu, sacudiu o marido e, com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos, enquanto sorria, naquele contraste que somente as supremas venturas conseguem produzir, gritou: “Alfredo, querido, estou esperando o nosso primeiro filho”!...

Ele abriu desmesuradamente os olhos e permaneceu assim, como se tomado de uma sensação inexprimível. Depois, de um salto, tomou Renata nos braços e, numa espécie de histerismo, chorava e gargalhava, alternadamente.

Dez dias depois estava trabalhando. A vida estava muito difícil, mas não lhe faltava entusiasmo para vencer as lutas. Conseguiu, em seguida, passar em um concurso e, agora, era caixa de um banco e cursava a universidade.

Renata, com os olhos cheios de emocionadas lágrimas, beijou Huguinho, que nessa altura já estava adormecido.

Que milagres podia realizar a vinda de um filho, num lar onde existia amor.

Beijou novamente o filho, antes de colocá-lo, carinhosamente, no berço. Depois, olhou com ternura o marido adormecido e apagou a luz.

Table with 4 columns and 1 row titled TROVANDO AS MULHERES. Each column contains a haiku and its author. Authors include Ângelo D'Ávila, Manoel Fernandes Menendez, etc.